

- SOUZA, N.; GOMES, E. S. Os papas do Vaticano II e o diálogo com a sociedade contemporânea. In: *Teocomunicação* v. 41/1 (2014) p. 5-27.
- SOUZA, N. Contexto e desenvolvimento histórico do Concílio Vaticano II. In: GONÇALVES, P. S. L.; BOMBONATO, V. (orgs.). *Concílio Vaticano II. Análise e perspectivas*. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 17-67.
- SOUZA, N. Vaticano II, preparação e discussões antes da abertura do concílio. In: ABREU, E. H.; SOUZA, N. (orgs.). *Concílio Vaticano II, memória e esperança para os tempos atuais*. São Paulo: Paulinas-Unisal, 2014, p. 69-82.
- Suenens, Léon Joseph. *Ricordi e speranze*. Cinisello Balsamo: Paoline, 1993.
- TORNIELLI, A. *Francisco. A vida e as ideias do papa latino-americano*. São Paulo: Planeta, 2013.
- VAUCHEZ, André et alii. *Histoire du Christianisme: crises et renouveau (de 1958 à nos jours)*. Paris: Desclèe, 2000.
- VAZ, H. Igreja reflexo vs. Igreja fonte. In: *Cadernos Brasileiros* 46 (1968) p. 17-22.

Recebido em: 25/06/2016

Aprovado em: 11/09/2016

Análise da forma literária de Mateus 20,20-28 segundo a teoria de Klaus Berger

Analysis of the literary form
of Matthew 20,20-28 according
to Klaus Berger's theory

Vicente Artuso*
Eliseu Pereira**

Resumo: O artigo apresenta uma análise das formas literárias de Mt 20,20-28, que narra o pedido da mãe dos filhos de Zebedeu e a resposta de Jesus a respeito do servir. Será aplicado o referencial teórico proposto por Klaus Berger, em *As formas literárias do Novo Testamento* (Loyola, 1998). Com a aplicação da análise formal a perícopes é classificada com um gênero abrangente que contém características de texto simbulêutico, epidíctico e dicânico. Mediante um diagrama são identificados os subgêneros, que são categorias menores em níveis diferentes e que aparecem combinados na perícopes. A teoria comunicativa dos gêneros prioriza a relação autor/leitor e releva a importância do ambiente vital como sustentava a tese clássica dos gêneros literários de M. Dibelius e R. Bultmann.

* Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) Professor do Programa de Pós-Graduação de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR) Curitiba/PR CEP 80215-901, Brasil. E-mail: vicenteartuso@gmail.com.

** Doutorando em Teologia no Programa de Pós-Graduação, Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Curitiba/PR CEP 80215-901, Brasil. E-mail: eliseugp@yahoo.com.br.

Assim os sinais e formas usados no texto produzem o efeito nos ouvintes/leitores. Eles permanecem no modelo dos dominadores do mundo ou vão aderir ao modelo de Jesus? Vão reproduzir a racionalidade da dominação ou a do serviço? A argumentação classificada como simbulêutica em Mt 20,26 visa modificar os pressupostos usados pelos ouvintes para julgar e tomar decisões. O critério não será o poder dominação, mas o serviço, o que resulta em relações igualitárias na comunidade de Mateus. Quem quiser tornar-se grande, deve ser servidor, não o primeiro, mas o último.

Palavras-chave: Gênero literário; Forma literária; Simbulêutico; Epideictico; Dicânico.

Abstract: This article presents an analysis of the literary genres found in Mt 20,20-28, which narrates the mother of Zebedee's sons' request and Jesus' answer about how to serve. Klaus Berger's theoretical references in *As formas literárias do Novo Testamento* (Loyola, 1998) will be applied. With the application of formal analysis, the pericope is classified as a comprehensive genre which contains symbuleutic, epideictic and dicanic text features. In a diagram other subgenre will be identified, which belong to lower categories in different levels and that are seen combined in the periscope. The communicative theory of genre prioritizes the relationship between author/reader and stresses the importance of the vital environment as found in the M.Dibelius and R.Bultmann's classical thesis of literary genre. Thus the signals and forms used in the text produce the expected effect in the listeners/readers. Would they remain in the rulers of the world's model or adhere to Jesus's model? Would they reproduce the ruling or the service rationality? The arguments classified as symbuleutic in Mt 20,26 aim to modify the judging and making decisions assumptions used by the listeners. The criterion will not be the domination power, but the service instead, which results in equal relationships in Matthew's community. Whoever wants to become great, should serve first; he should not be the first, but the last.

Keywords: Literary; Genre; Literary form; Symbuleutic; Epideictic; Dicanic.

1. Introdução

O objetivo deste artigo é apresentar uma análise das formas literárias encontradas na passagem de Mt 20,20-28, segundo o referencial teórico proposto por Klaus Berger, em *As formas literárias do Novo Testamento* (Loyola, 1998), a fim de verificar como a análise contribui para o correto entendimento teológico do texto. Trata-se da passagem que narra o pedido da mãe dos filhos de Zebedeu e a resposta de Jesus a respeito do servir.

A análise das formas visa identificar e classificar as formas de linguagem utilizadas pelo autor para comunicar a mensagem pretendida. Na história da crítica bíblica, a análise das formas literárias foi introduzida no estudo do Novo Testamento após a crítica das fontes¹ e antes da crítica da redação.² Os principais nomes da chamada *Formgeschichte*³ são R. Bultmann e M. Dibelius, mas as categorias literárias indicadas por eles abordaram apenas os Evangelhos Sinóticos, pouco contribuindo para a análise do evangelho de João e dos demais escritos do Novo Testamento, “com exceção de alguns ‘fragmentos de cânticos’, catálogos e ‘fórmulas de profissão de fé’”.⁴

A obra de Berger tem o diferencial de classificar todos os textos do Novo Testamento e não apenas algumas seções. Berger defende

¹ A hipótese das duas fontes, proposta por C. H. Wiesse, em 1838, para resolver o problema sinótico, abriu caminho para a crítica das fontes que predominou até o início do século XX, quando cedeu lugar à crítica das formas.

² A Escola da Redação (*Redaktionsgeschichte*), também chamada da Composição, pode ser demarcada a partir da obra de W. Marxsen sobre o Evangelho de Marcos, em 1968. Sua ênfase principal é resgatar o papel dos autores dos Evangelhos na composição do material recebido, inclusive quanto aos “retoques redacionais que lhe são próprios” (LATOURELLE, René. *Jesus existiu? História e hermenêutica*. Aparecida: Santuário, 1989, p. 172).

³ *Formgeschichte*, do alemão, história das formas. A Escola das Formas surgiu entre 1919 e 1922 principalmente com M. Dibelius e R. Bultmann, com o objetivo de remontar ao evangelho oral pregado na igreja primitiva (ou seja, a fase pré-textual) e identificar e classificar “as formas literárias pelas quais vieram nossas narrativas evangélicas” (LATOURELLE, R. *Jesus existiu?* p. 127-28).

⁴ BERGER, Klaus. *As formas literárias do Novo Testamento*. São Paulo: Loyola, 1998, p. 15.

a tese de que “a cada unidade literária reconhecível como tal deve pertencer a algum gênero... e tem determinada relevância histórica ou está ligada a determinados interesses de um grupo de pessoas”.⁵

Ao contrário da abordagem clássica, Berger está mais interessado na função que o texto cumpre nas situações típicas da história do cristianismo primitivo do que com a pré-história oral dos textos. Segundo ele, o texto deve ser analisado como se encontra hoje, não porque seja impossível conhecer a pré-história do texto, mas porque tal conhecimento não serve como prova para textos específicos.⁶

Ao contrário de Dibelius e Bultmann, o método de Berger releva a importância da situação vivencial (*Sitz Im Leben*), uma vez que o texto visa não apenas o *locus* do autor, mas também a dos leitores (“perspectiva da *recepção*”), e visa não apenas atender seus interesses, mas, por vezes, contrariá-los.⁷ Para Berger, “vários gêneros podem reagir à mesma situação, e um só gênero pode ser uma reação a várias situações”.⁸ Por isso, não é possível estabelecer uma “correspondência servil entre gênero e lugar vivencial”.⁹

Além disso, Berger questiona a “atividade criativa” da comunidade cristã primitiva na produção do texto do Novo Testamento, argumentando, com Schürmann,¹⁰ que há continuidade de tradição entre as comunidades pré-pascal e a pós-pascal.

Por fim, Berger considera que a análise formal do texto bíblico oferece ao exegeta a vantagem de obter a “reta avaliação e combinação das características” do texto, o que, segundo ele, é “o principal

proveito que podemos tirar do estudo da forma literária”.¹¹ Essa vantagem se verifica na melhor precisão da intencionalidade do texto para o leitor atual.¹²

2. A classificação dos gêneros literários segundo Berger

Para cumprir sua proposta de atribuir uma forma literária a cada texto do Novo Testamento, Berger assume a *teoria comunicativa* dos gêneros, que prioriza a “relação entre autor e leitor” e evita o uso de “gêneros universais”.¹³ Essa teoria é dependente “da teoria e da prática da *retórica antiga*”, porque, nesse ponto, o “esforço do historiador para usar, na medida do possível, critérios antigos de divisão (a fim de diminuir o perigo de cobrir os textos com elementos alheios) se coaduna com visões atuais da ciência literária moderna, que não podem sem mais nem menos ser preteridas”.¹⁴

Analisar as formas literárias segundo a retórica implica em identificar, dentre os elementos do texto, aqueles que são determinantes para produzir os efeitos desejados pelo autor sobre os ouvintes. Assim, ao analisar um texto, deve-se perguntar: “qual entre as muitas convenções acumuladas num texto domina tanto que fornece um critério para catalogá-lo?”¹⁵ Ou: “em que ponto o interesse dos ouvintes de então [...] é cativado de maneira tal que daí resulta uma possibilidade de classificação, permitindo uma comparação esclarecedora entre textos semelhantes e uma visão

¹¹ BERGER, K. *As formas literárias do Novo Testamento*, p. 24.

¹² Nem todos os autores associam diretamente a análise das formas literárias à identificação da intencionalidade (WEGNER, U. *Exegese do Novo Testamento*, p. 174). Egger, por exemplo, fala em análise pragmática, que “se interessa pela função dinâmica dos textos, ou seja, pela orientação e as diretivas dadas pelo texto ao leitor” (EGGER, W. *Metodologia do Novo Testamento: introdução aos métodos linguísticos e histórico-críticos*. São Paulo: Loyola, 1993, p. 130). Como o leitor atual não tem acesso à “realidade extratextual” do texto bíblico, será necessário partir apenas do estudo do próprio texto (p. 131).

¹³ BERGER, K. *As formas literárias do Novo Testamento*, p. 20.

¹⁴ BERGER, K. *As formas literárias do Novo Testamento*, p. 20.

¹⁵ BERGER, K. *As formas literárias do Novo Testamento*, p. 20.

⁵ BERGER, K. *As formas literárias do Novo Testamento*, p. 24.

⁶ BERGER, K. *As formas literárias do Novo Testamento*, p. 18.

⁷ BERGER, K. *As formas literárias do Novo Testamento*, p. 15.

⁸ BERGER, K. *As formas literárias do Novo Testamento*, p. 25.

⁹ Cf. Wegner comentando a classificação de Berger (WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia*. 6ª ed. São Paulo: Paulus/São Leopoldo: Sínodal, 2009, p. 173).

¹⁰ Citado por Berger (*As formas literárias do Novo Testamento*, p. 341): H. Schürmann, “Die vorösterlichen Anfänge der Logientradition” in id. *Traditionsgeschichtliche Untersuchungen zu den synoptischen Evangelien*, Dusseldorf, 1968.

das situações históricas?”¹⁶ Segundo Berger, a resposta a tais perguntas indicará aquela “*convenção, que, por causa de seu peso no texto, tem mais força para mudar o ouvinte*” (grifo do autor).¹⁷ Ou em outras palavras: “o gênero é constituído pela relação existente entre conteúdo, forma e consequências de um texto”.¹⁸

Com base nessa metodologia, Berger estrutura seu livro segundo a divisão da retórica antiga entre textos simbulêuticos, epidícticos e dicânicos. Textos simbulêuticos (do gr. *symboléuomai*, aconselhar) são aqueles que “pretendem mover o ouvinte a agir ou a omitir uma ação”, normalmente dirigido “à segunda pessoa”, como a admoestação (forma mais simples) e a argumentação simbulêutica (mais complexa).¹⁹ Os epidícticos (do gr. *epidéiknymi*, indicar, apontar) são os textos que retratam “coisas, pessoas ou acontecimentos” a fim de “impressionar o leitor, para fazê-lo sentir admiração ou repulsa”.²⁰ E os textos dicânicos (do gr. *dikanikós*, o que faz parte de um processo; de *dikaios*, justo) são aqueles que visam “levar o leitor, por argumentação ou sugestão, a uma decisão numa causa disputada”.²¹ O efeito desejado é provocar um posicionamento “sim’ ou ‘não’ em assunto polêmico”.²² Além dessas divisões, Berger também apresenta o chamado gênero abrangente para analisar as formas de textos complexos e os que se filiam a mais de um gênero.²³

3. A perícopre de Mt 20,20-28

Esta é a perícopre de Mt 20,20-28, segundo tradução pessoal, a partir do original segundo a 27ª edição de Nestle-Aland:

¹⁶ BERGER, K. *As formas literárias do Novo Testamento*, p. 20.

¹⁷ BERGER, K. *As formas literárias do Novo Testamento*, p. 20.

¹⁸ BERGER, K. *As formas literárias do Novo Testamento*, p. 20.

¹⁹ BERGER, K. *As formas literárias do Novo Testamento*, p. 21.

²⁰ BERGER, K. *As formas literárias do Novo Testamento*, p. 21.

²¹ BERGER, K. *As formas literárias do Novo Testamento*, p. 21.

²² BERGER, K. *As formas literárias do Novo Testamento*, p. 21.

²³ BERGER, K. *As formas literárias do Novo Testamento*, p. 20s.

v. 20 Então aproximou-se dele a mãe dos filhos de Zebedeu, com os filhos dela, prostrando-se e pedindo algo dele.

v. 21 Ele porém disse a ela: Que queres? Ela lhe diz: Dize para que estes dois meus filhos se sentem, um a tua direita e um a tua esquerda no teu reino.

v. 22 Respondendo pois, Jesus disse: Não sabeis o que pedis. Podeis beber o cálice que eu estou para beber? Eles dizem a ele: Podemos.

v. 23 Diz a eles: O meu cálice bebereis, mas o sentar-se à direita de mim e à esquerda, não compete a mim conceder, mas aos quais foi preparado por meu Pai.

v. 24 E tendo ouvido, os dez ficaram indignados por causa dos dois irmãos.

v. 25 Mas Jesus chamando-os a si disse: Sabeis que os líderes das nações dominam sobre elas e os grandes exercem autoridade sobre elas.

v. 26 Não será assim entre vós, mas quem, se quiser entre vós se tornar grande, será de vós servo.

v. 27 E quem, se quiser entre vós ser o primeiro, será de vós escravo.

v. 28 Assim como o filho do homem não veio para ser servido mas para servir e dar a sua vida em resgate em favor de muitos.

A perícopre apresenta uma narrativa em nove versículos que pode ser dividida em dois atos e um interlúdio: o primeiro ato é um diálogo entre Jesus, a mulher de Zebedeu e seus dois filhos Tiago e João a respeito dos primeiros lugares do reino (vv. 20-23); o segundo ato apresenta a fala de Jesus ao grupo de discípulos a respeito do servir (vv. 25-28). Entre esses dois atos, o v. 24 faz o papel de interlúdio que passa do diálogo e prepara o ambiente para a fala de Jesus. A fala de Jesus é o clímax da perícopre, que termina sem mencionar a reação dos discípulos. O texto tem paralelo em Mc 10,35-45 e, parcialmente, em Lc 22,24-30.

4. Análise formal de Mt 20,20-28

Como ponto de partida, a perícopre de Mt 20,20-28 é, naturalmente, do gênero evangélico, pois os gêneros maiores são informados pelo próprio Novo Testamento.²⁴ Porém, sob a teoria comunicativa de análise formal proposta por Berger, a perícopre pode ser classificada como sendo de gênero abrangente, porque contém características de textos simbulêutico, epidíctico e dicânico.²⁵ O gênero abrangente “não pode ser reduzido a características simbulêuticas, epidícticas ou dicânicas e apresenta antes indícios próprios de todos os três grupos de gêneros”.²⁶ Ele é uma mistura dos outros três e todos eles pretendem causar efeito no ouvinte.

O diagrama abaixo apresenta a análise formal de Mt 20,20-28, segundo as categorias propostas por Berger: gênero abrangente (simbulêutico, epidíctico e dicânico):

Para identificar os gêneros menores contidos no gênero abrangente, é necessário prestar atenção aos “delicados sinais” presentes no texto. Segundo Berger, o exegeta corre o risco de antever uma classificação geral e silenciar as categorias menores que estão no texto, às vezes em níveis diferentes, às vezes combinadas e sem predomínio de uma delas em especial.²⁷ Então, após verificar que a perícopre é evangélica e de gênero abrangente, o objetivo é identificar esses “delicados sinais” e apurar as diversas formas usadas no texto para produzir o efeito desejado nos ouvintes/leitores.

4.1. Análise formal da perícopre completa – Mt 20,20-28

Segundo o diagrama, a perícopre apresenta, como moldura, o gênero epidíctico, subgênero diálogo de instrução,²⁸ ou seja, diálogos que servem para informar o leitor”.²⁹ No NT, esses diálogos ocorrem geralmente entre Jesus e seus discípulos. Muitos de seus ensinamentos são registrados como respostas a perguntas (p.ex., Mc 9,10-13; 10,11ss; 13,3-5; Lc 11,1-2; Jo 21,20-23; At 1,6).³⁰

A perícopre de Mt 20,20-28 encontra-se em um contexto de discursos instrutivos que começa no cap. 19, com a questão do divórcio (vv. 3-12), levantada primeiramente pelos fariseus (vv. 3, 7) e a seguir pelos discípulos (v. 10). Na seção seguinte (vv. 16-30), o diálogo é iniciado pelo jovem rico perguntando a respeito da vida eterna (vv. 16, 18) e depois os próprios discípulos (vv. 25, 27), o que serve de ensejo para o ensino a respeito do perigo das riquezas. A parábola dos trabalhadores na vinha (20,1-16) é apresentada por Jesus em complementação à discussão sobre as riquezas e a relação com posses.

²⁷ BERGER, K. *As formas literárias do Novo Testamento*, p. 20-21.

²⁸ Segundo Berger, o diálogo pode ser de ensino ou revelação (p.ex., lava-pés, Jo 13). A diferença característica é que o segundo “se refere a uma revelação que precedeu, mas não foi compreendida, precisando de um esclarecimento, que é dado no diálogo” (*As formas literárias do Novo Testamento*, p. 228). Bultmann também classifica a perícopre como diálogo didático (WEGNER, U. *Exegese do Novo Testamento*, p. 186).

²⁹ BERGER, K. *As formas literárias do Novo Testamento*, p. 229.

³⁰ BERGER, K. *As formas literárias do Novo Testamento*, p. 229.

²⁴ BERGER, K. *As formas literárias do Novo Testamento*, p. 14. Os gêneros literários podem ser classificados em maiores (evangelhos, Atos, cartas e Apocalipse) e menores (cf. WEGNER, U. *Exegese do Novo Testamento*, p. 168, 181ss).

²⁵ Os gêneros simbulêutico, epidíctico e dicânico correspondem, respectivamente, aos gêneros de discursos retóricos descritos por Aristóteles: deliberativo (político), demonstrativo e judicial (forense): “Numa deliberação temos tanto o conselho como a dissuasão, pois tanto os que aconselham em particular como os que falam em público fazem sempre uma destas duas coisas. Num processo judicial temos tanto a acusação como a defesa, pois é necessário que os que pleiteiam façam uma destas coisas. No gênero epidíctico temos tanto o elogio como a censura” (ARISTÓTELES. *Retórica*. Vol. VIII. Tomo I. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005, p. 104).

²⁶ BERGER, K. *As formas literárias do Novo Testamento*, p. 27.

Em resumo, os diálogos sobre divórcio, riquezas e os primeiros lugares no reino precedem grandes ensinamentos de Jesus para seus discípulos. Observe-se que as narrativas são intercaladas apenas pelo encontro de Jesus com as crianças (19,13-15), figura do pequeno e humilde, e pelo anúncio da paixão (20,17-19), exemplo máximo de humildade, obediência e serviço.

Na perícope em análise (Mt 20,20-28), Jesus aproveita a discussão dos discípulos para ensiná-los sobre humildade e serviço no Reino de Deus. O diálogo da perícope é provocado pelo pedido da mulher em favor de seus filhos Tiago e João (vv. 20-23). Esse primeiro diálogo provoca a reação dos demais discípulos (v. 24), o que oportuniza o diálogo de instrução de Jesus (v. 25-28):

Personagem que fala	Mt 20,20-28
Mulher (pede):	v. 20 Então aproximou-se dele a mãe dos filhos de Zebedeu, com os filhos dela, prostrando-se e pedindo algo dele.
Jesus (pergunta):	v. 21 Ele porém disse a ela: Que queres?
Mulher (responde):	Ela lhe diz: Dize para que estes dois meus filhos se sentem, um a tua direita e um a tua esquerda no teu reino.
Jesus (responde):	v. 22 Respondendo pois, Jesus disse: Não sabeis o que pedis.
Jesus (pergunta):	Podeis beber o cálice que eu estou para beber?
Tiago e João (respondem):	Eles dizem a ele: Podemos.
Jesus (responde):	v. 23 Diz a eles: O meu cálice bebereis, mas o sentar-se à direita de mim e à esquerda, não compete a mim conceder, mas aos quais foi preparado por meu Pai.
Dez discípulos (reagem):	v. 24 E tendo ouvido, os dez ficaram indignados por causa dos dois irmãos.
Jesus (ensina): diálogo de instrução	v. 25 Mas Jesus chamando-os a si disse: Sabeis que os líderes das nações dominam sobre elas e os grandes exercem autoridade sobre elas.
	v. 26 Não será assim entre vós, mas quem, se quiser entre vós se tornar grande, será de vós servo.

	v. 27 E quem, se quiser entre vós ser o primeiro, será de vós escravo.
	v. 28 Assim como o filho do homem não veio para ser servido mas para servir e dar a sua vida em resgate em favor de muitos.

O texto analisado contém ditos enigmáticos, mas como não despertaram perguntas por parte dos discípulos, não foram esclarecidos por Jesus, isto é, não receberam revelação. Um exemplo é a fala de Jesus que os lugares à sua direita e à sua esquerda são para aqueles a quem “está preparado por meu Pai” (v. 23b). Outro exemplo, no v. 28, quando diz que vai “dar a sua vida em resgate de muitos”. Assim, por faltar o elemento típico, pergunta e/ou resposta, não se pode classificar o presente diálogo como sendo de revelação, mas de ensino.³¹

4.2. Análise formal da 1ª seção – Mt 20,20-24

Nesta seção, classificam-se três subgêneros, pela ordem do texto: maus exemplos dos discípulos (epidíctico), créia verbal ou apotegma (abrangente) e relatos sobre conflitos (epidíctico).

4.2.1. Maus exemplos dos discípulos (gênero epidíctico): refere-se a eventos ocorridos entre os discípulos, geralmente negativos, que servem de exemplo para os cristãos, como, p.ex., o fracasso dos discípulos em curar o jovem possesso (Mt 17,14-21 e par.), a atitude de impedir as crianças de chegarem a Jesus (Mt 19,13-15 e par.), as histórias de arrependimento de Pedro (Mt 26,69-75 e par.), etc.³²

³¹ Sobre o gênero menor, Dibelius classifica a perícope de Mt 20,20-28 no material narrativo como paradigma menos puro (WEGNER, U. *Exegese do Novo Testamento*, p. 185). Paradigma é a designação usada por Dibelius para se referir a “pequenas histórias que se concentram em torno de uma ou mais palavras de Jesus” (p. 184). Para ele essas narrativas eram originalmente usadas como exemplos, ou seja, paradigmas, nas pregações dos cristãos na igreja primitiva. Para Bultmann, a perícope de Mt 20,20-28 é material discursivo e se enquadra na categoria de apotegma, tipo diálogo didático (p. 186), em que perguntas são formuladas pelos discípulos, e a resposta de Jesus não é polêmica, mas tem o sentido de esclarecer e orientar.

³² BERGER, K. *As formas literárias do Novo Testamento*, p. 291.

Na perícopie em tela, o pedido da mãe dos filhos de Zebedeu (vv. 20-23) é censurado por Jesus e causa indignação nos discípulos (v. 24), mas permite a Jesus ensinar a respeito do servir (vv. 25-28).

4.2.2. Créia verbal³³ ou apotegma³⁴ (gênero abrangente): o v. 23 é a sentença final do diálogo de Jesus com a mulher e seus dois filhos a respeito dos primeiros lugares no reino. A créia designa “uma fala ou ação ocasionada na vida de uma pessoa importante pela situação, mas transcendendo-a”.³⁵ Como “causa e reação andam sempre juntas” e “a causa e a situação resultam da vida da pessoa, a créia tem a tendência natural de se tornar material de construção para o gênero ‘biografia’”.³⁶ A créia pode ser verbal (apotegma), de ação, ou mista, portanto, apotegma é um subgênero de créia. Algumas características das créias clássicas são: a pessoa que reage demonstra sabedoria e esperteza; ênfase na crítica de valores socialmente aceitos; racionais, sem referência ao sobrenatural; tem status social e poder normativo.

Na perícopie, a apotegma³⁷ aparece em:

Causa:	v. 20 Então aproximou-se dele a mãe dos filhos de Zebedeu, com os filhos dela, prostrando-se e pedindo algo dele. v. 21 Ele porém disse a ela: Que queres? Ela lhe diz: Dize para que estes dois meus filhos se sentem, um a tua direita e um a tua esquerda no teu reino. v. 22 Respondendo pois, Jesus disse: Não sabeis o que pedis. Podeis beber o cálice que eu estou para beber? Eles dizem a ele: Podemos.
Apotegma:	v. 23 Diz a eles: o meu cálice bebereis, mas o sentar-se à direita de mim e à esquerda, não compete a mim conceder, mas aos quais foi preparado por meu Pai.

4.2.3. Relatos sobre conflitos (gênero epidíctico): a característica desse gênero é de natureza estrutural, isto é, “oposição entre pelo menos duas partes”,³⁸ nos evangelhos ocorrendo entre os discípulos e os judeus, ou entre os próprios discípulos, como é o caso relatado na perícopie.

O conflito aparece, se bem que sucintamente porque a ênfase é o ensino de Jesus, no v. 24: “E tendo ouvido, os dez ficaram indignados por causa dos dois irmãos”. A exegese do verbo grego traduzido como “ficaram indignados” indica que o conflito foi consideravelmente forte.³⁹

4.3. Análise formal da 2ª Seção – Mt 20,25-28

Nesta segunda seção, classificam-se seis subgêneros, também pela ordem do texto: argumentação simbulêutica (abrangente), admonição protréptica (simbulêutico), admonição simbulêutica

³³ “A palavra créia é transcrição da palavra grega *chreia*, que significa aplicação (de uma gnome a determinado caso)” (BERGER, K. *As formas literárias do Novo Testamento*, p. 79).

³⁴ “Do gr. *apóphthegma*, ‘sentença, preceito’, derivado do v. *apophthéggomai* ‘declarar alto, enunciar uma sentença, proferir um oráculo’; dito ou palavra memorável, lapidar, proferida por personagem célebre; máxima, aforismo” (*Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Versão 1.0. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009).

³⁵ BERGER, K. *As formas literárias do Novo Testamento*, p. 78.

³⁶ BERGER, K. *As formas literárias do Novo Testamento*, p. 78.

³⁷ Bultmann emprega o apotegma como sentença final de um paradigma no gênero narrativo (WEGNER, U. *Exegese do Novo Testamento*, p. 184). Os vv. 20-23 aparecem na lista de apotegmas de Berger (*As formas literárias do Novo Testamento*, p. 77). Ele reconhece que a créia do NT é mais longa do que a clássica, mas justifica o uso do nome, porque, mesmo assim, “são claramente motivadas por uma pergunta ou objeção” (ibid., p. 81).

³⁸ BERGER, K. *As formas literárias do Novo Testamento*, p. 292.

³⁹ *hvgana,kthsan* (aganaktēsis)— v. ind. aoristo ativo 3ª p. plural de *avganakte,w* (aganakteo), “indignar-se, irar-se, ficar zangado”, o mesmo que “expressar desprazer” (GINGRICH, F. W.; DANKER, F. W. *Léxico do Novo Testamento Grego/Português*. São Paulo: Vida Nova, 1984, p. 10). Subentende-se que eles “expressaram sua indignação”, “se voltaram contra” (TASKER, R.V.G. *O Evangelho Segundo Mateus: introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 2006, p. 155). MOULTON (*Léxico Grego Analítico*. São Paulo: Cultura Cristã, 2007, p. 4) traduz como ser afligido, ficar irado, irritado, indignado; derivado de *avganakhsij* (indignação).

(simbulêutico), evangelho e biografia (epidíctico), enunciados com ‘eu’ (epidíctico) e anúncio fundamentado de salvação (gênero dicânico).

4.3.1. Argumentação simbulêutica⁴⁰ (gênero abrangente): visa modificar os pressupostos usados pelos ouvintes para julgar e tomar decisões. A argumentação simbulêutica é usada principalmente para abordar e tratar problemas internos das comunidades, como é o caso da disputa de poder e de importância no grupo dos doze, como prováveis reflexos no grupo maior de seguidores de Jesus. Também pode ser usada para corrigir a relação com posses, encorajar a suportar sofrimentos por causa da fé, demonstrar a necessidade de conversão radical à justiça, etc.

Esse tipo de argumentação apresenta-se em formas maiores e menores, que é o caso em tela. Normalmente apresenta os seguintes recursos: pergunta retórica, imperativo inicial, formação de séries, exemplo pessoal, como ocorre em Mt 20,28.⁴¹ A argumentação pode ser baseada em analogia, invocando exemplo pessoal.⁴² No caso, Jesus apresenta uma argumentação que contrasta os de fora (os governadores dos povos) e os seus seguidores.⁴³

- base na experiência	v. 25 Mas Jesus chamando-os a si disse: Sabeis que os líderes das nações dominam sobre elas e os grandes exercem autoridade sobre elas.
- imperativo - sentenças: delimitação excluindo os de fora - séries pleonásticas: apelo às emoções dos ouvintes - admonição condicional	v. 26 Não será assim entre vós, mas quem, se quiser entre vós se tornar grande, será de vós servo. v. 27 E quem, se quiser entre vós ser o primeiro, será de vós escravo.

⁴⁰ Do gr. *sumbouleuw* (*sum*, junto + *bouleuw*, deliberar, decidir), avisar, dar conselho a, advertir, consultar, tramar (GINGRICH. F. W.; DANKER, F. W. *Léxico do Novo Testamento Grego/Português*, p. 44, 195-6).

⁴¹ BERGER, K. *As formas literárias do Novo Testamento*, p. 92.

⁴² BERGER, K. *As formas literárias do Novo Testamento*, p. 94.

⁴³ BERGER, K. *As formas literárias do Novo Testamento*, p. 95.

- conclusão: exemplo pessoal - fundamentação cristológica - analogia/imitação de exemplo pessoal	v. 28 Assim como o filho do homem não veio para ser servido mas para servir e dar a sua vida em resgate em favor de muitos.
--	---

4.3.2. Admonição protréptica⁴⁴ (gênero simbulêutico): busca convencer os ouvintes a seguirem determinado caminho, fazendo-o por meio de apresentação de vantagens em comparação com outros. O texto protréptico se caracteriza por convidar ao caminho estreito, porém superior, de Cristo em vez do caminho largo do mundo, por meio de “admonições de caráter fundamental”, de exortações “para se afastar e para ser diferente dos outros, pois isso não deixa de ser o reverso da opção por um determinado caminho e não pelo oposto”.⁴⁵

Na perícopes, a admonição protréptica está no chamado a evitar o mau exemplo dos poderosos do mundo e seguir o bom exemplo de Cristo.⁴⁶

- mau exemplo a evitar	v. 25 Mas Jesus chamando-os a si disse: Sabeis que os líderes das nações dominam sobre elas e os grandes exercem autoridade sobre elas.
- convite para mudar de um exemplo para outro	v. 26 Não será assim entre vós, mas quem, se quiser entre vós se tornar grande, será de vós servo. v. 27 E quem, se quiser entre vós ser o primeiro, será de vós escravo.
- bom exemplo a seguir	v. 28 Assim como o filho do homem não veio para ser servido mas para servir e dar a sua vida em resgate em favor de muitos.

4.3.3. Admonição simbulêutica (gênero simbulêutico): a forma ‘ato-efeito’. Essas são admoestações do tipo “*se fizerdes x, acontecerá y (como resposta)*”.⁴⁷

⁴⁴ Do gr. *protreptikós*, exortação ou convite (*Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*).

⁴⁵ BERGER, K. *As formas literárias do Novo Testamento*, p. 199.

⁴⁶ BERGER, K. *As formas literárias do Novo Testamento*, p. 200.

⁴⁷ BERGER, K. *As formas literárias do Novo Testamento*, p. 155.

As frases de Jesus nos vv. 26 e 27 apresentam o seguinte esquema: “*quem quiser ser x deve fazer y*”.⁴⁸ Esse tipo de sentença promete resultados a quem cumprir certas condições. Elas podem apresentar caráter salvífico ao apontar caminho para alcançar uma meta.⁴⁹ Na perícopé analisada, o esquema aparece nos vv. 26 e 27:

quem quiser x	deve fazer y
aquele que quiser tornar-se grande entre vós	seja aquele que serve
e o que quiser ser o primeiro dentre vós,	seja o vosso servo.

Jesus promete exaltação sob a condição de humildade. Berger diz que esses ensinamentos de Jesus serviram de regras de conduta para a comunidade na medida em que os cristãos foram transferindo esta “teologia do Filho do Homem” para a “práxis comunitária”, colocando o serviço dos irmãos em lugar dos sofrimentos de Cristo. Esse é um caso em que o exemplo de Jesus e o impacto de suas palavras na comunidade cristã serviram para criar relacionamentos sociais em moldes completamente diferentes das sociedades pagãs, tanto quanto a “figura do Filho de Deus se diferencia totalmente de qualquer soberano humano”.⁵⁰ Berger estabelece umnexo entre as palavras (como em Mc 10,42-43) e ações de Jesus (como em Jo 13) como a prática da comunidade, como, p.ex., a instituição da *diakonia* para assistência dos necessitados narrada em Atos 6.⁵¹

4.3.4. Evangelho e biografia (gênero epidíctico): Berger diz que o evangelho pode ser classificado como um gênero biográfico, porque embora contenha elementos próprios, ainda assim tem “numerosos

elementos em comum com as biografias antigas”.⁵² Esses elementos são, segundo o autor, genitíaco, genealogias, narrativas da infância de Jesus, de prodígios pessoais, sabedoria extraordinária, *última verba* e a síncrise. No que se refere à perícopé analisada, o elemento biográfico está no fato de Jesus ser apresentado como modelo a ser seguido (v. 28): “tal como o filho do homem...”.

4.3.5. Enunciados com ‘eu’ (gênero epidíctico):⁵³ a maior parte dos textos classificados nesse gênero “é importante para a história do cristianismo primitivo porque neles se trata dos temas de quem ‘envia’ e de quem ‘é enviado’ e do papel típico e exemplar do ‘eu’ que fala”.⁵⁴ Berger situa a fala de Jesus sobre sua missão como sendo um enunciado do tipo que destaca o ‘eu’ do enviado, com o uso da terceira pessoa no lugar da primeira.

No v. 28, Jesus diz: “o Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e dar sua vida como resgate por muitos”. Nesse gênero, Jesus não fala de si mesmo usando ‘eu’, mas por meio do título messiânico ‘Filho do homem’. Berger diz que ao usar o título, Jesus está expressando “o modo de ser da sua identidade celeste”.⁵⁵

Outro exemplo de enunciado com ‘eu’ é a fala de Jesus referente à sua missão usando o esquema “não vim para..., e sim para...”.⁵⁶ “não [vim] para ser servido, mas para servir e dar a [minha] vida como resgate por muitos”. Esse recurso é usado para indicar a missão principal, negando algo (ser servido) e reafirmado outro (servir e dar a vida em resgate). Berger observa que essa construção

⁵² BERGER, K. *As formas literárias do Novo Testamento*, p. 312.

⁵³ Tais tipos principais de enunciados estão nos Evangelhos. Berger identifica 12 exemplos: aqueles em que Deus fala; os que destacam o “Eu” de quem envia; as declarações segundo o esquema “eu sou...” x “... sou eu”; comparações entre “eu” e “ele”; os que se referem ao “eu” do enviado; de auto testemunho do justo sobre os perigos dos quais foi salvo; sobre o “eu” como tipo de existência cristã; sobre o “eu” retórico em argumentação; declarações com “eu” acompanhando ações; apologias; e autobiografias (BERGER, K. *As formas literárias do Novo Testamento*, pp. 234-251).

⁵⁴ BERGER, K. *As formas literárias do Novo Testamento*, p. 234.

⁵⁵ BERGER, K. *As formas literárias do Novo Testamento*, p. 239.

⁵⁶ Expressões do tipo “eu não vim para x, mas para y” em Mateus: 5,17; 9,13; 10,34.

⁴⁸ BERGER, K. *As formas literárias do Novo Testamento*, p. 160.

⁴⁹ Wegner (*Exegese do Novo Testamento*, p. 205) relaciona o dito de Jesus em Mt 20,26-27 no gênero “parábola e similares”, subgênero “paradoxo”.

⁵⁰ BERGER, K. *As formas literárias do Novo Testamento*, p. 160.

⁵¹ Bultmann incluiu esse texto na categoria de regras comunitárias, ao lado de outros textos evangélicos, como Mt 18,10, 18; 23,8-10 (cf. WEGNER, U. *Exegese do Novo Testamento*, p. 202).

acentua a “independência do mensageiro” e “quem enviou fica mais no segundo plano”.⁵⁷ A segunda parte do termo “não vim para..., e sim para...”, ou seja, a parte positiva, apresenta um resumo da mensagem: “para servir e dar sua vida como resgate por muitos” (v. 28). As declarações sobre “eu vim” ou “eu fui enviado” esclarecem o sentido da pregação e ministério de Jesus, em que os pecados não são julgados nem o reino é estabelecido definitivamente. A missão de “servir e dar sua vida em resgate por muitos”, juntamente com outras frases que falam de chamar pecadores e salvar os perdidos, se referem a esse tempo especial de conversão.⁵⁸

4.3.6. Anúncio fundamentado de salvação (gênero dicânico):⁵⁹ este gênero somente é percebido em contraste com Mt 19,28. Na perícopes analisada, o pedido da mãe dos filhos de Zebedeu é reprovado, enquanto que em Mt 19,28, o próprio Jesus promete os tronos aos seus apóstolos “para julgar as doze tribos de Israel”. O objetivo, segundo Berger, é demonstrar que os “anúncios fundamentados de salvação estão sempre relacionados à pessoa de Jesus”, pois “é ele quem de tudo dispõe”.⁶⁰

5. Conclusão

A análise das formas literárias da perícopes de Mt 20,20-28, segundo a proposta da teoria comunicativa de Berger, demonstrou que o texto é mais complexo do que parece à primeira leitura e apresenta gênero complexo. O fato de ser um texto evangélico não

⁵⁷ BERGER, K. *As formas literárias do Novo Testamento*, p. 240.

⁵⁸ Bultmann também destaca que o dito de Jesus no v. 28 é do tipo ‘dito profético’, subgênero ‘ditos com h=lqon’, “eu vim” (WEGNER, U. *Exegese do Novo Testamento*, p. 201) podendo ainda ser classificado no subgênero ditos iniciados com ‘eu’, em que Jesus se refere diretamente ao sentido de sua vinda (ibid., pp. 202-3).

⁵⁹ Ou judicial (gr. *dikaiois*, justiça), textos apologéticos, em sentido estrito como “defesa diante de um tribunal”, como Mt 7,22 e At 23,1-6, ou em sentido amplo, como Rm 9 e 11 (BERGER, K. *As formas literárias do Novo Testamento*, p. 325).

⁶⁰ BERGER, K. *As formas literárias do Novo Testamento*, p. 329. Na perícopes ‘parcialmente’ paralela de Lc 22,28-30, a promessa dos tronos está no mesmo contexto do dito sobre o maior/menor e o modelo de serviço de Cristo.

esgota a análise formal, porque o texto apresenta características de gênero abrangente, aquele que combina o simbulêutico, o epidíctico e o dicânico.

A seção inteira foi considerada um diálogo de instrução (gênero epidíctico), no qual Jesus se serve de uma situação casual para ensinar seus discípulos. A primeira seção da perícopes (vv. 20-24) apresentou três subgêneros: mau exemplo dos discípulos (gênero epidíctico), créia verbal ou apotegma (gênero abrangente) e relatos sobre conflitos (gênero epidíctico). Já a segunda seção (vv. 25-28) apresentou seis subgêneros: argumentação simbulêutica (gênero abrangente), admonição protréptica (gênero simbulêutico), admonição simbulêutica (gênero simbulêutico), evangelho e biografia (gênero epidíctico), enunciados com ‘eu’ (gênero epidíctico) e anúncio fundamentado de salvação (gênero dicânico).

Assim, nos nove versículos da perícopes foi possível identificar dez categorias formais literárias. Segundo as categorias da retórica antiga, verifica-se, em síntese:

gênero	Mt 20,20-24	Mt 20,25-28
epidíctico	(1) diálogos de instrução	
	(2) maus exemplos dos discípulos (vv. 20-23); (3) relatos sobre conflitos (v. 24)	(5) evangelho e biografia (v. 28); (6) enunciados com ‘eu’ (v. 28)
abrangente	(4) créia verbal ou apotegma (v. 23)	(7) argumentação simbulêutica (vv. 25-28)
simbulêutico		(8) admonição protréptica (vv. 25-28) (9) admonição simbulêutica (vv. 26-27)
dicânico		(10) anúncio fundamentado de salvação (v. 28)

A análise formal apontou como gênero moldura o epidíctico, cuja principal função é convencer o ouvinte/leitor a decidir pelo que é admirável e reprovar o que é indigno. Assim, o mau exemplo dos discípulos (e a dos governantes do mundo) é reprovado e a atitude de Jesus é recomendada, pois ele prefere servir a ser servido e está disposto até a dar sua vida pelos outros. A fala de Jesus, na segunda seção, ainda inclui revelações de sua pessoa e missão (evangelho/biografia e enunciados com ‘eu’, gênero epidíctico).

O gênero simbulético também exerce efeito predominante na segunda seção do texto, cumprindo a função de exortar e convencer o ouvinte/leitor a abandonar uma ação reprovável (a dos governantes do mundo) e adotar uma ação digna (a de Cristo, servo). Tanto a primeira seção (vv. 20-23)⁶¹ como a segunda (vv. 25-28) encerram com uma afirmação forte de Jesus: a primeira com o apotegma (v. 23) e a segunda com o anúncio fundamentado de salvação (v. 28). Por fim, observe-se que o gênero dicânico aparece apenas no v. 28, onde Jesus apresenta seu modelo como aquele a ser seguido. A forma dicânica, por sua função de “provocar um posicionamento” é o ponto alto do “diálogo de instrução” de Jesus. A perícopete termina com essa afirmação, como se interrogasse a cada leitor de hoje a fim de provocar a mesma reação que provocou nos primeiros que a ouviram: vão permanecer no modelo dos dominadores do mundo ou vão aderir ao modelo de Jesus? Vão reproduzir a racionalidade da dominação ou a do serviço?

Porém, ao final desta análise, cabe agora retomar a pergunta pelas contribuições das formas literárias para a compreensão do texto do Novo Testamento. Como dito antes, para Berger o texto não deve ser analisado apenas segundo o *Sitz im Leben* do autor ou

segundo a suposta capacidade criativa da comunidade primitiva onde surgiu, como era a ênfase da clássica escola da forma. Certamente, esse texto mateano cumpriu sua função naquela comunidade, tanto na pregação missionária, como na instrução de recém-convertidos e na edificação dos crentes.⁶²

Hoje, contudo, partindo do texto como se apresenta no cânon e considerando as categorias da retórica antiga, segundo propostas por Berger, quais os fatores determinantes no texto que mais concorrem para produzir efeitos no ouvinte/leitor? Qual “convenção” textual o domina a ponto de fornecer o critério para catalogá-lo? Como a forma literária de um texto antigo pode produzir efeito no leitor de hoje? A intencionalidade do texto alcança o leitor atual como pretendido pelo autor? Como já observado, Berger dá menos importância ao *Sitz im Leben* da origem do texto do que à intenção do texto. Sua tese é que a interpretação bíblica deve ter como objetivo atender a necessidade do leitor mais do que especular sobre o lugar de origem do texto.⁶³ Trata-se de “um compreender relacionado com o agir”.⁶⁴

Assim, em resposta, verifica-se que o efeito pretendido é a instrução mediante exortação, baseada no modelo de Jesus. Esse efeito ainda tem plena capacidade de provocar o leitor à mudança de mente e conduta. O leitor percebe que os discípulos pensaram e agiram de modo típico para o momento político, seguindo o *script* esperado de pessoas que pretendiam partilhar o poder do reino iminente. Nesse

⁶² Considerando a dificuldade de situar o lugar vivencial das perícopes evangélicas, Luz observa que as características literárias de Mateus demonstram que ele foi escrito para ser lido como unidade inteira e repetidamente e não como uma coleção de textos soltos para a liturgia ou catequese, pois só assim os recursos literários usados fazem sentido (LUZ, Ulrich. *El Evangelio segun San Mateo: Mt 1 – 7*. Vol. 1. Salamanca: Sigueme, 1993, p. 40, 42).

⁶³ BERGER, K. *Hermenêutica do Novo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal, 2008, p. 9. Nesta obra, Berger define sua tese para a hermenêutica: “a base para aplicação da Escritura é a imperfeição e a necessidade provinda de uma prática perturbada” (id.). A aplicação do texto bíblico “deve oferecer ajuda ou crítica; em todo caso, ela deve reverter a necessidade” (id.).

⁶⁴ BERGER, K. *Hermenêutica do Novo Testamento*, p. 10.

⁶¹ Aqui, considere-se o v. 24 como interlúdio. Luz divide esta perícopete em duas seções, vv. 20-23 e vv. 24-28 (LUZ, Ulrich. *El Evangelio segun San Mateo: Mt 8 – 25*. Vol. 3. Salamanca: Sigueme, 1993, p. 214), inserindo o v. 24 na 2ª seção. Mas de fato, o v. 24 é uma conexão entre a primeira seção – diálogo de Jesus, a mãe e os dois discípulos (vv. 20-23) e a segunda seção – as palavras de instrução (vv. 25-28).

contexto de *vontade de poder*, a fala de Jesus irrompe radical, sinalizando uma nova mentalidade e uma nova conduta, cujo protótipo é ele mesmo. Ao contrário da *vontade de poder* manifesta pelos discípulos e no exercício do poder pelos governantes do mundo, Jesus apresenta-se como “vontade de servir”, aquele que serve e que dá a vida, porque esse é o verdadeiro poder, ou seja, o poder de abrir mão do poder em favor do bem do próximo.

À primeira vista, a análise das formas literárias pode parecer um exercício técnico e estéril, mas, de fato, é um passo importante no processo hermenêutico. Considerando que o texto bíblico foi elaborado em retórica antiga e que seu conteúdo se pretende perene, é necessário reconhecer suas particularidades literárias a fim de captar, com a mesma intencionalidade, a mensagem que contém: instruir a comunidade de Jesus a respeito das relações de poder e das soluções para os conflitos interpessoais. Se, como diz Berger, “o gênero é constituído pela relação existente entre conteúdo, forma e consequências de um texto”,⁶⁵ então a análise da forma literária de Mt 20,20-28 contribui para expor a complexidade e a riqueza do conteúdo doutrinário de Jesus e para provocar o leitor à mudança de racionalidade, da dominação para a do serviço.

Tal análise da forma abre ao leitor a visão do alcance teológico do texto. Por um lado, a instrução de Jesus parte do contexto da época, em que “os grandes dominam”. Por outro, ao se referir a si mesmo como “Filho do homem” que veio para servir (gênero dicânico), ele utiliza um título neutro, sem conotações de um messianismo real, segundo os dominadores. Com isso, afirma a atitude servicial como virtude na comunidade dos discípulos ao exercerem sua liderança. As instruções de Jesus revelam características do reino de Deus contrastantes com os reinos do mundo. A boa nova do reino vai na contramão dos modelos propostos e dos anseios que

perpassavam a mentalidade dos doze. A indignação dos dez contra os outros dois que pediam privilégios revela o conflito. A crise nas relações interpessoais do grupo se torna ocasião de ensinamento e retomada do projeto. Isso é claro na frase introduzida por uma conjunção adversativa: “... mas (*‘alla*, *‘allà*) o que entre vós se quiser ser grande, torne-se de vós servidor” (Mt 20,26).

Por fim, frase comparativa em gênero dicânico (“assim como o Filho do Homem, não veio para ser servido, mas para servir e dar a vida dele em resgate por muitos”, Mt 20,28) é seguida das palavras “dar a vida em resgate por muitos”, o que indica a forma do serviço e de participação no destino do mestre (“vão beber do cálice que ele vai beber”, cf. 20,23). Isso significa que os discípulos no seu serviço devem assumir o projeto de Jesus a ponto de “dar a vida em resgate”, ou seja, seguir Jesus a ponto de perder a própria vida em favor dos outros.

A perícopé é um diálogo que indica o destino dos discípulos junto de seu mestre. A proposta de Jesus continua aberta a novas adesões, realçada agora pelo contexto de crise política em nosso país em que a disputa pelo poder de partidos políticos se sobrepõe ao bem da pátria e o serviço aos cidadãos.

Bibliografia

- ARISTÓTELES. *Retórica*. Vol. VIII. Tomo I. 2ª edição. Tradução e notas Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005.
- BERGER, Klaus. *As formas literárias do Novo Testamento*. Tradução de Fredericus Antonius Stein. São Paulo: Loyola, 1998.
- _____. *Hermenêutica do Novo Testamento*. 3ª edição. Tradução de Nélio Schneider. São Leopoldo: Sinodal, 2008.
- EGGER, Wilhelm. *Metodologia do Novo Testamento: introdução aos métodos linguísticos e histórico-críticos*. Tradução de Johan Konings e Inês Borges. São Paulo: Loyola, 1993.

⁶⁵ BERGER, K. *As formas literárias do Novo Testamento*, p. 20.

- GINGRICH, F. Wilbur; DANKER, Frederick W. *Léxico do Novo Testamento Grego/Português*. Tradução de Julio Paulo Tavares Zabatiero. São Paulo: Vida Nova, 1984.
- HOUAISS, A. *Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Versão 1.0. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- LATOURELLE, René. *Jesus existiu? História e hermenêutica*. Tradução de Carlos Felício da Silveira. Aparecida: Santuário, 1989.
- LUZ, Ulrich. *El Evangelio segun San Mateo: Mt 1–7*. Vol. 1. Salamanca: Sigueme, 1993.
- _____. *El Evangelio segun San Mateo: Mt 18–25*. Vol. 3. Salamanca: Sigueme, 1993.
- MOULTON, Harold K. *Léxico grego analítico*. Tradução de Everton Aleva de Oliveira e Davi Miguel Manço. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.
- TASKER, R.V.G. *O Evangelho Segundo Mateus: introdução e comentário*. Tradução de Odayr Olivetti. São Paulo: Vida Nova, 2006.
- WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia*. 6ª ed. São Paulo: Paulus/São Leopoldo: Sinodal, 2009.

Recebido em: 20/05/2016.

Aprovado em: 26/09/2016

Nomadismo em Antonio Vieira: do sagrado ao secular

Nomadism in Antonio Vieira:
from the sacred to the secular

Murilo Cavalcante Alves*

Minha pátria é a língua portuguesa

Fernando Pessoa

Resumo: A vida e a obra do jesuíta Antonio Vieira se integram de tal modo que refletem o espírito da época do orador-escritor luso-brasileiro. Época de transição, de mudanças significativas e contrastantes na mentalidade europeia, de tal modo que Vieira, colocado no centro dessas tensões, como evangelizador a serviço da Contrarreforma católica, só poderia se expressar como o fez, caracterizando-se como uma espécie de “nômade”, com ressonâncias metafísicas, que definiriam seu modo de ser e agir.

Palavras-Chave: Antonio Vieira; Nomadismo; Orador-escritor; Luso-brasileiro; Sagrado; Secular.

Abstract: The life and work of the Jesuit Antonio Vieira are integrated in such a way that reflect the *zeitgeist* of the Luso-Brazilian spea-

* Professor Adjunto do Curso de Letras da UFAL - Campus do Sertão; Especialista em Metodologia do Ensino Religioso - UNINTER; Especialista em Filologia - PUC-MG; Especialista em Estudos Clássicos – UNB. E-mail: professor.mca@gmail.com